



**O desenho e as palavras no filosofar:
possibilidades de outros lugares para a leitura, a escrita, a fala e a escuta
do mundo**

Por PAULA RAMOS DE OLIVEIRA

paula-ramos@uol.com.br

Introdução

Quando pensamos em Filosofia e em Educação logo pensamos nas palavras. Essas duas áreas vivem de certas relações com a palavra. E tanto em uma quanto em outra há palavras que se fazem dominantes. Assim, há na contemporaneidade um lugar para o que já foram – Filosofia e Educação – que depende também de um olhar do presente. Esse olhar pode ser de continuidade ou de ruptura, mas por algum motivo continuar parece sempre mais fácil. Os caminhos de ruptura dependem de mudanças nos modos de nos relacionarmos com as palavras e/ou de mudanças de palavras.

Apesar de mais raro, em ambas as áreas há pessoas que conseguiram eleger novas palavras ou novas relações com elas que foram responsáveis por verdadeiros “giros” nos pensamentos dominantes. Às vezes algo que parece muito pequeno tem um potencial avassalador e nos coloca diante de um novo lugar.

O que propomos está longe de qualquer pretensão maior ou mais ampla, mas, por outro lado, pretende sim ser um “giro” para nós, sujeitos dessa experiência, quanto a certos lugares ocupados na prática filosófica, especialmente os de leitura, escrita, escuta e fala. E quem sabe poderá ser exemplo de um caminho para encontro de outros caminhos.

Então, apresentaremos a seguir uma experiência de um filosofar que pretende criar esses novos lugares no fazer filosófico.

Uma experiência de filosofar com desenho e palavras

Ler diferentemente o mundo nos coloca diante do mundo diferentemente também. A filosofia é um modo de ler o mundo, mas há muitas filosofias e muitas formas de se ler. E





isto nos coloca, seguramente, diante de muitos mundos possíveis, diante de muitas possibilidades de mundo.

É comum a afirmação sobre a importância da leitura e, claro, concordamos com ela, mas que implicações temos na dimensão educativa, na sala de aula ou fora dela, ou ainda - o que é o mesmo - em nossas vidas, por lermos de um jeito e não de outro? Há diversas leituras possíveis, tanto no que diz respeito à forma, quanto ao conteúdo. Que valores afirmamos, e reafirmamos, com nossas práticas de leitura? Com elas estamos mais perto de nós ou mais distante?

O filosofar está intimamente ligado às formas expressivas, especialmente a oral e a escrita. Falamos e escrevemos o que pensamos, e o que pensamos se relaciona também com outros pensamentos escritos ou falados. Em ambos os casos, é tem sido sempre a palavra que permite a expressão do pensamento.

O Grupo de Estudos e Pesquisas Filosofia para Crianças (GEPFC/CNPq/FCL/CAr/UNESP)¹, sob a minha coordenação, tem experimentado o que temos entendido como uma nova experiência de leitura e escrita de pensamento. Resolvemos dar outro tempo às palavras e chegar a elas de outra maneira, introduzindo uma nova forma expressiva: o desenho.

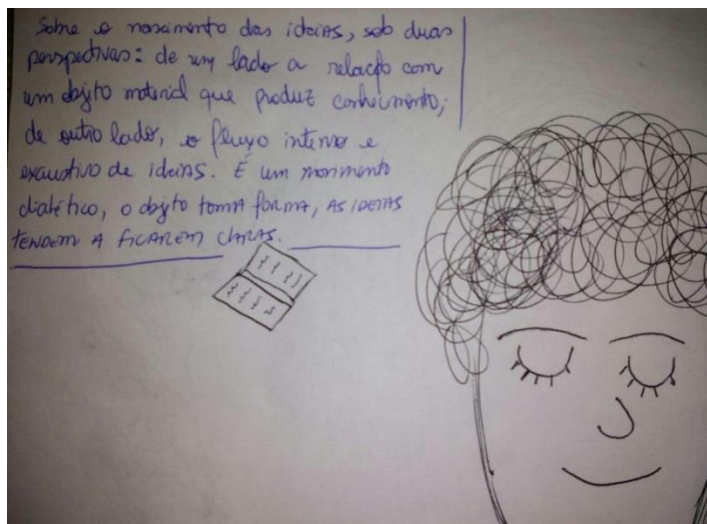
Em nossas reuniões semanais fazemos a leitura de “O Abecedário de Deleuze”. Antes, porém, dedicamo-nos à leitura individual, em casa, e em seguida desenhamos o que mais nos tocou nesta leitura. Somente após o desenho chegam as palavras. Tentamos escrever algo sim, mas apenas a partir das imagens. Chegando às reuniões do grupo - composto atualmente por aluno e ex-aluno de Pedagogia (graduação, mestrado e doutorado) e por um aluno de mestrado em Filosofia - fazemos a leitura coletiva e depois discutimos a partir da apresentação das imagens e do que escrevemos. Assim, com nossos desenhos e escritas, cada um apresenta o caminho do seu pensamento. Neste momento entra então a expressão oral.

¹ Grupo coordenado por mim, com atividades desde 1998, na Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara (FCL/Car), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), e cadastrado no diretório do instituto de pesquisa “Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico”(CNPq).



Apresentamos, a seguir, alguns exemplos com o verbete “Neurologia”²:

- Voz do Nilton (respectivamente frente com escrita, e verso da folha):

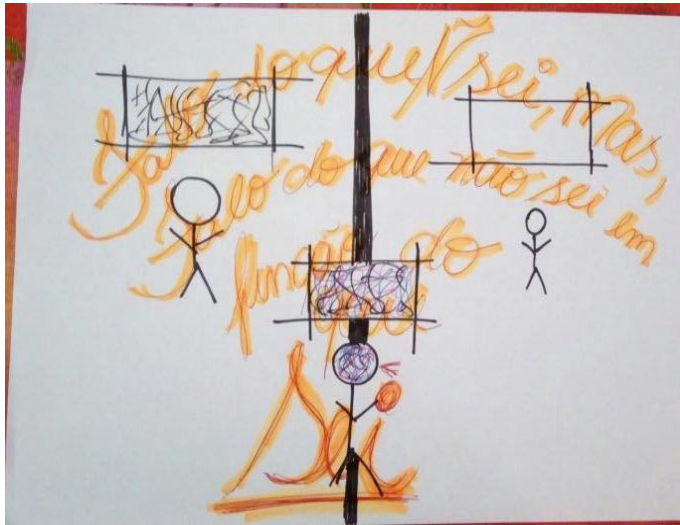


Escrita: “Sobre o nascimento das ideias, sob duas perspectivas. De um lado a relação com um objeto material que produz conhecimento; de outro lado, o fluxo intenso e exaustivo das ideias. É um movimento dialético, o objeto toma forma, as ideias tendem a ficarem claras.”

² Em outro texto, ainda não publicado, as vozes de Lígia e Mariana foram citadas.



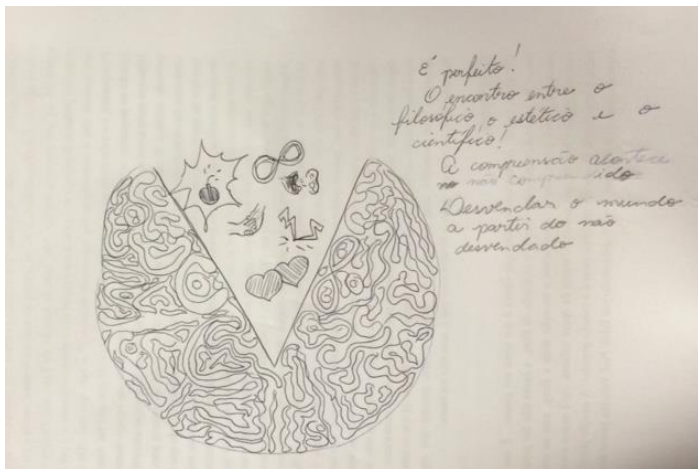
- Voz de Daniella:



Escrita no desenho: “Falo do que não sei, mas falo do que não sei em função do que sei”.

Comentário posterior: “Em busca do equilíbrio, que resulta da experiência, entre o saber e o não-saber.”

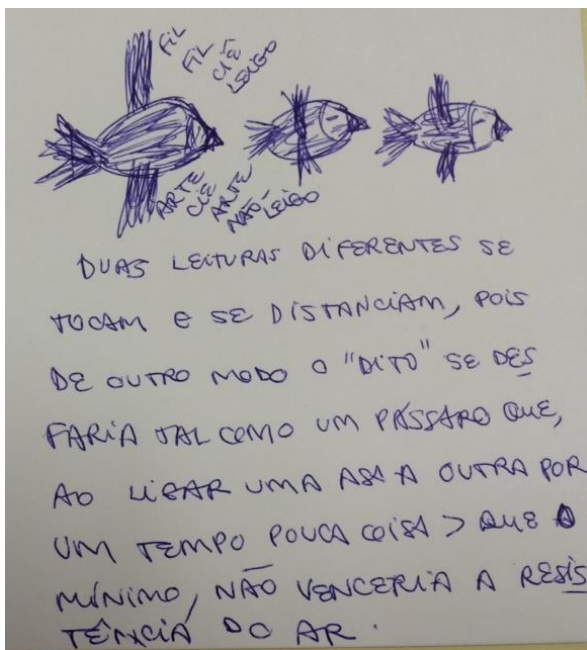
- Voz de Lígia:



Escrita: “É perfeito! O encontro entre o filosófico, o estético e o científico. A compreensão acontece no não-compreendido. Desvendar o mundo a partir do não desvendado.”



- Voz da Paula, incluindo imagem, escrita e fala:

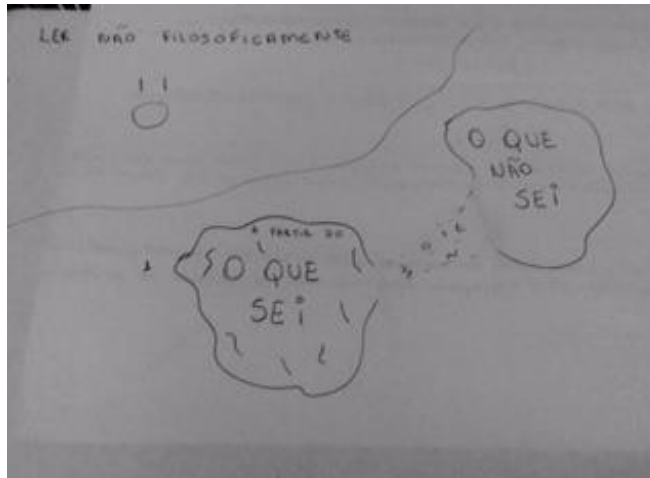


Escrita: “Duas leituras diferentes se tocam e se distanciam, pois de outro modo o ‘dito’ se desfaria tal como um pássaro que, ao ligar uma asa à outra por um tempo pouca coisa maior que o mínimo, não venceria a resistência do ar.”

Fala: O meu foi assim: duas coisas que me chamaram mais a atenção, a compreensão ser um tipo de leitura. A compreensão é uma leitura. E a coisa das duas asas. Meu desenho está horrível, mas é assim: é um passarinho... Comecei a ver que passarinho parece peixe! É um passarinho com as asas assim, daí eu imaginei um passarinho juntando uma asa na outra e escrevi assim: “Duas leituras diferentes se tocam e se distanciam, pois de outro modo o ‘dito’ se desfaria tal como um pássaro que, ao ligar uma asa à outra por um tempo pouca coisa maior que o mínimo, não venceria a resistência do ar.” Então assim: as leituras têm que se tocar, mas se se tocarem muito cai o pássaro, entendeu? Então como se fosse assim a arte, você pode ter uma asa que é a arte, outra que é a filosofia, uma que é ciência, outra que é filosofia, outra que é a arte e que é a ciência, outro que é o leigo e o não-leigo, vamos colocar assim. É porque ele fala que não pode ser as duas leituras simultâneas. Então eu pensei no simultâneo como as duas asas que têm que ter alguma individualidade para se manter no ar, para ter essa sustentação.



- Voz da Eduarda:



Escrita: “Ler não filosoficamente. Só a partir do que sei ... o que não sei.”

Escrevi em um espaço “A partir do que sei” deixando sair dele letras indo ao encontro com o que escrevi “O que não sei”, com o intuito de demonstrar a frase de Deleuze “Falo do que não sei, mas falo do que não sei em função do que sei”. Pensei que muitas vezes falamos sobre determinado assunto que não sabemos, ou que não temos uma visão profunda, isso representa o que não sei. No entanto quando falamos isso, não deixamos sair de nossas bocas simplesmente palavras sem sentido, penso que a partir desse “não sei”, buscamos em nossa mente algo que se assemelhe com aquele determinado assunto, por exemplo, eu posso não saber matemática, no entanto eu sei filosofia, logo a partir do que eu sei, filosofia, posso falar de matemática, ou seja, ter um olhar filosófico da matemática, falar de matemática a partir da filosofia, pensar em filósofos que pensaram em matemática e em seus conceitos. Penso que nunca poderemos possuir todo o saber, já que há conhecimentos que ainda nos faltam. No entanto se esperarmos sabermos de tudo minuciosamente para falar sobre, nunca falaremos nada, no entanto podemos falar do que não sabemos, mas em função de algo que sabemos. Para mim, falar do que eu não sei pensando no que eu sei, não é apenas falar sem sentido algum - é pensar. Escrevi também a frase de Deleuze “Ler não



filosoficamente”. Penso que podemos ter diversas visões sobre um determinado assunto, é o que tentei explicar acima. Eu posso não saber sobre Astronomia, mas posso pensar e ter uma visão de astronomia a partir da filosofia que pode pensar “o que são os astros”. Estarei falando de algo do campo de astronomia sem ter conhecimentos profundos desse campo, no entanto estarei pensando em astronomia, mas a partir da filosofia, e o que compreendi dessa frase é que às vezes precisamos pensar sobre um determinado assunto de diversas formas. Penso também que eu posso estudar biologia e que por eu estar nessa área, por exemplo, eu já tenha me acostumado com as maravilhas do mundo, da natureza, e com isso perder o meu espanto, no sentido de admiração; já uma criança que ainda não possui um estudo acadêmico, só tem uma visão própria do mundo, se espanta mais com as maravilhas da natureza.

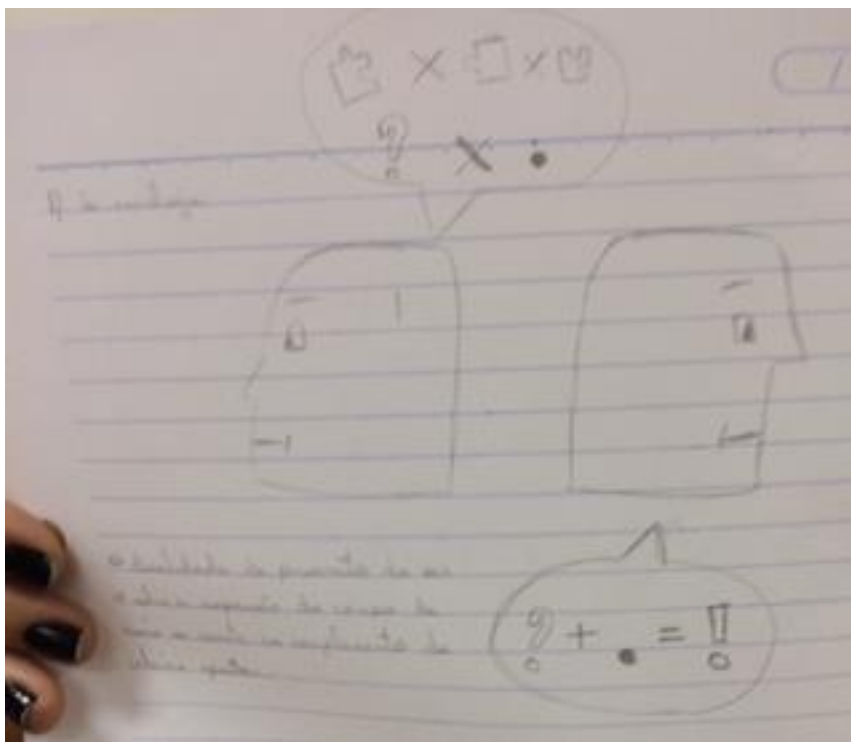
- Voz da Cesira:



Escrita: “Sim, há alguma coisa aqui”. “Aqui / Em mim / Há muito mais que aqui/
Há o lá/ E o além.”



- Voz da Lara, incluindo imagem, escrita e fala:



Escrita: “- A dualidade de pensamento do ser”

“- A expansão do campo de visão se remete a junção de ideias opostas”

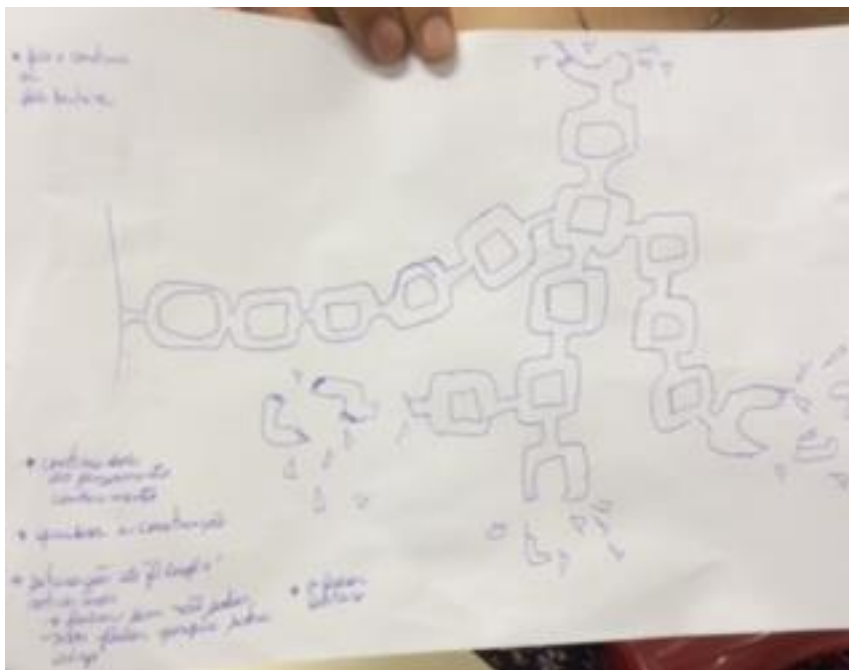
"O pensamento modifica a nossa visão de mundo, bem como dos que convivem ao nosso redor. Assim como as pontes ligam cidades, nossos pensamentos nos ligam as pessoas e ao universo que nos rodeia. São pontes que nos levam da normalidade para o descobrimento de novos mundos."

Fala: “A parte que mais me pegou no texto foi a questão que ele fala que o pássaro não pode voar sobre uma asa; precisa de duas. Aí eu pensei nessa dualidade de pensamento que a gente tem todo dia, de pensar uma coisa e ao mesmo tempo pensar outra totalmente o oposto. Aí me remeteu à ideia de que se a gente pensar sempre a mesma coisa, buscar sempre as mesmas ideias, a gente nunca vai ver uma coisa nova no conhecimento. Eu acho que o conhecimento vai nessa junção de duas ideias opostas que de alguma maneira são complementares; preencher o vazio de uma ideia original e criar uma coisa nova. (Mostrando o desenho:) Eu fiz duas carinhas (não sei desenhar), e uma ele está tentando encaixar peças que aparentemente se encaixam,



mas ele não encontra uma resposta para o que ele está procurando. E a partir do momento em que ele junta a dúvida dele com a certeza do que ele já sabe, ele consegue produzir alguma coisa nova.

- Voz de Alessandra, incluindo imagem, escrita e fala:



Escrita: “Falar besteira ou (não legível) .Continuidade do pensamento, conhecimento. Quebra e construção. Definições do ‘filósofo’. Falar sobre o que não sei”

Fala: “A ideia da corrente quebrando no final é dupla: pode ser uma construção ou uma desconstrução. Então seria o ponto de falar sobre o que não sei, sabendo o que estou falando, mas ao ponto de falar uma besteira. Então seriam os dois. Pode ser o inverso, o reverso. O que mais que eu anotei aqui? Tem o som quebrando das ligações, mas pode ser a construção de uma nova corrente, no pensamento, na continuidade do pensamento. O que mais? Aí eu falei das situações filosóficas que outro dia a gente estava conversando bastante sobre falar o que eu não sei. Também...só isso a minha ideia.



- Voz de Ana Paula, incluindo imagem, escrita e fala:



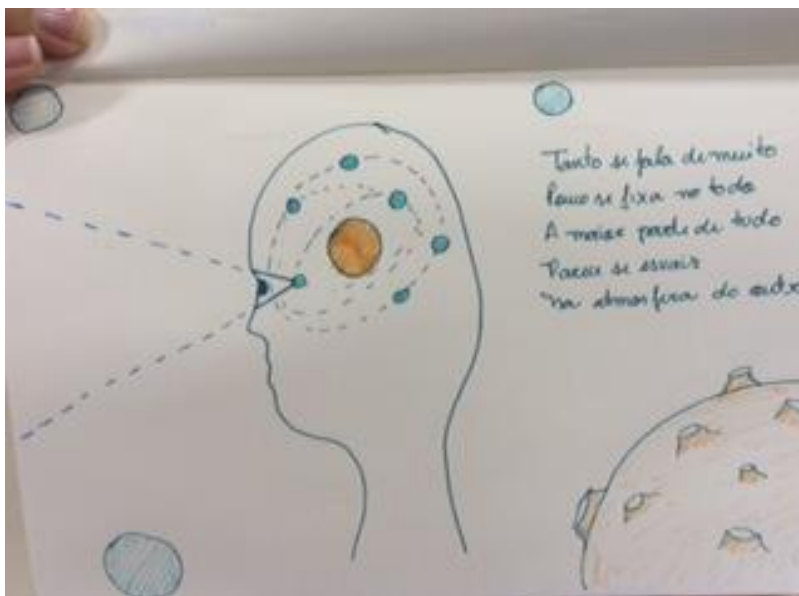
Escrita: Pensamento. Cérebro. Construção de algo -> compreender parte de algo. O DNA e suas voltas. “Falo do que sei em função do que não sei.”

Parte da fala: “Tem as linhas de luz e as linhas geométricas. Aí então eu fiquei pensando em uma figura geométrica que compreendesse a ideia do meu pensamento, e meu cérebro querendo compreender algo profundo, estarem nessa dúvida no instante de trabalharem essa compreensão de algo e que forma geométrica poderia ser essa. A princípio eu tinha pensado no triângulo, mas eu entendi que os vértices talvez seriam uma ideia de linear. E depois pensando a ideia que eu fiz de cérebro eu cheguei à conclusão do profundo e o volume de um círculo, de repente. Mas assim o que seria esse volume aqui dentro, eu deixei um símbolo de interrogação, que é essa compreensão do profundo. Eu acho que todo mundo falou. (...). De isso ser um círculo e ao mesmo tempo estar em um processo constante..porque com o triângulo eu tinha pensado nisso, de ter uma interpretação de ter um ponto onde se encontram, e não.”

Comentário posterior: “O que pensei: a construção de um conhecimento gera um pensamento (que passa pelo meu cérebro) num movimento circular capaz de gerar dúvidas que me possibilitam falar de algo que ainda não sei. A linha de luz (nossas ideias e pensamentos!, não sendo linear, forma a figura de um círculo.”



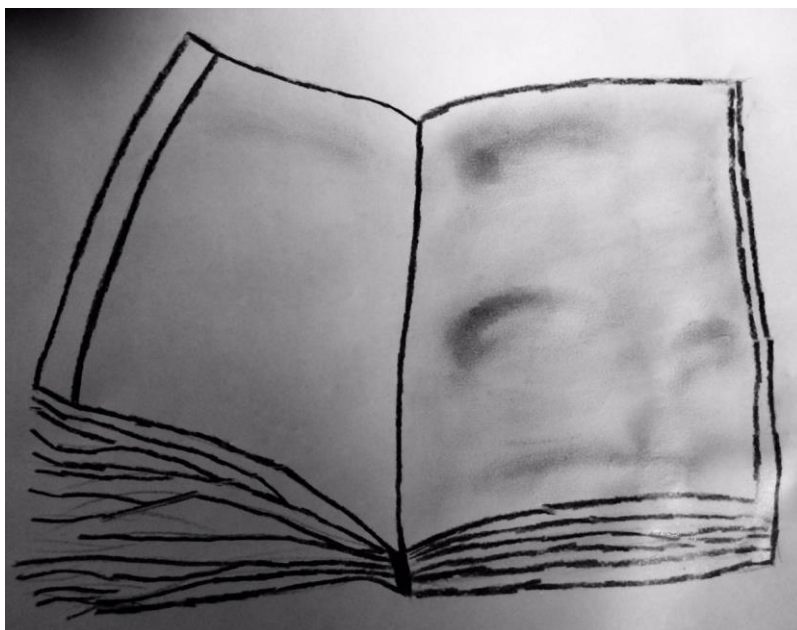
- Voz de Mari, incluindo imagem, escrita e fala:



Fala: “Bom, o meu acho que vai ao encontro do que as pessoas já falaram. É um homem e dentro da cabeça dele tem um universo. Então ao mesmo tempo em que ele se situa no universo a cabeça dele é um universo. Da mesma forma que a gente não conhece o universo a gente não conhece o nosso universo. E o olhar dele, ele sempre vai de acordo com um.., aqui no caso foi um planeta que influenciou um olhar dele. Então a cada momento a gente tem um ângulo de visão para alguma coisa e também não só nós mesmos a cada dia, mas existem também as especialidades, os filósofos, cientistas, as diferentes lentes, como se fossem diferentes lentes para você enxergar o universo. Então são várias lentes. E aqui na verdade era um poeminha, um versinho, que eu já havia feito há algum tempo atrás e eu lembrei dele. Eu vou ler. ‘Tanto se fala de muito/ Pouco se fixa de tudo/ A maior parte de tudo/ parece se esvaír/ na atmosfera do outro’.”



- Voz de Heula (que não compareceu à reunião):



Escrita: “Meu desenho é uma sucessão de páginas já lidas.” Meu texto: “As páginas do conhecimento que antecedem as páginas ainda a serem viradas se encontram na beira do precipício se não houver entre ambas uma completude. Tudo que iremos descobrir tem um sentido maior quando atribuído ao que já temos de conhecimento/ saber. O envolvimento entre elas é o/um movimento perfeito. Também me faz pensar que quanto mais conhecimento encontrado, mais vazios achamos em nós. Quanto mais sabemos, nos convencemos que não sabemos, ou que há ainda muito a saber. O que remete ao pensamento de Sócrates " só sei que nada sei " . Damos conta do espaço, que vai dilatando a cada saber. Por isso o vazio!”

Pensando a experiência

Quando se fala em filosofar, sempre parece ficar em evidência a prática filosófica, como se a forma fosse superior ao conteúdo. Mas nós em hipótese alguma queremos sobrepor a prática ao conteúdo, até porque entendemos que não podemos separar ambos. Um remete ao outro. E é exatamente por isso que percebemos facilmente como cada modo de filosofar diz sobre alguma(s) filosofia(a) e como cada aula de filosofia remete a um modo de filosofar. E



assim o faremos considerando, em nossa experiência, o ato de ler, atividade fundamental na filosofia e no filosofar. Tentaremos pensar o que podemos aprender com essa experiência acerca do encontro entre filosofia, texto, alunos e professores. E esse exercício envolve pensar com pessoas (membros do grupo e Deleuze) e ideias (dos membros do grupo e de Deleuze).

A minha leitura

Em “N de neurologia”, Deleuze afirma: “É verdade que a neurologia sempre me fascinou, mas por quê? É o que acontece na cabeça de alguém ao ter uma idéia. Prefiro quando alguém tem uma idéia, senão é como um flipperama.”

E um pouco adiante:

Há uma coisa que chamou muito a minha atenção. Assim chegamos onde você queria. O que me impressionou foi uma história... algo de que os físicos se utilizam muito sob o nome de “transformação do padeiro”. Pega-se um quadrado de massa, faz-se um retângulo, dobra-se, estica-se novamente etc. São feitas transformações. Ao final de x transformações, dois pontos contíguos, sem dúvida, estarão muito distantes. Não há pontos distantes que, após x transformações, não sejam contíguos. Eu me pergunto: ao procurarmos algo na cabeça, será que não acontecem misturas desse tipo? Será que não há dois pontos que, num dado momento, num estágio do pensamento, eu não sei como aproximar e que, ao final dessa transformação, estão um do lado do outro?

Quando um professor chega a uma aula de filosofia ele oferece um texto aos alunos, com algumas ideias que devem ser compreendidas. Será que aqui também não há dois pontos que devem se aproximar? Como conseguir uma aproximação do aluno com essas ideias? Como um professor pode se aproximar dos alunos? Talvez procurando algo no qual ambos estão envolvidos. Talvez em filosofia isso seja o processo que envolve as leituras de textos que, por sua vez, são leituras de mundo.

Então há algo que une essas pessoas que se encontram nesse espaço escolar - seja em uma aula, seja em um grupo de estudo e pesquisa. Parece-nos que um grupo de pesquisa fica mais aberto para destacar o que une. Nele há pessoas que estudam e pesquisam. Elas formam um conjunto. Seu coordenador faz parte desse conjunto. Nas aulas não há grupo. No máximo há turma. Uma turma composta de alunos que é conduzida por um professor. Aluno remete imediatamente a um lugar que diz de uma determinada relação, e necessária, com outro. Não





há aluno sem professor. Não há professor sem aluno. Já estudante ou pesquisador qualifica e remete a alguém que faz uma ação específica: estudar ou pesquisar. Inclusive, estuda-se e pesquisa-se com alguém, mas também se estuda e pesquisa-se sozinho.

Outro ponto que impõe uma distância entre alunos e professores é a ideia de que o professor está de posse do que o texto diz. E há aqui uma pretensão absurda de completude. Rancière soube mostrar esse aspecto de forma magistral em um de seus argumentos de crítica da razão explicadora. A explicação pretende diminuir a distância entre o aprendiz e a matéria a aprender, mas com isso faz o contrário posto que justamente cria essa distância e não a reduz. Kohan (2003, p. 188-192) apresenta a crítica feita por Rancière, destacando sete problemas a que está exposto quem pensa que ensinar é sinônimo de explicar. A seguir um deles que mais no interessa:

[...] *o duplo gesto obscurantista da pedagogia explicadora*. Por um lado, a explicação supõe que, com ela, começa o aprender do outro; ela se institui a si mesma como ato inaugural da aprendizagem. Por outro lado, a explicação cobre como um manto de obscuridade tudo o que não pode explicar, aquilo que fica oculto por trás de cada explicação. Desta maneira, a explicação não explica nem reconhece os limites de si mesma e cria a ilusão da máxima abrangência. (KOHAN, 2003, p. 190; grifos do autor).

No verbete estudado uma das partes que mais me chamou a atenção foi a ideia de que a compreensão é uma leitura. Normalmente o professor, mesmo em uma aula de filosofia – onde se supõe que a problematização seja absolutamente necessária –, identifica a compreensão do texto por parte do aluno no momento em que esta coincide com a sua: o especialista, o não-leigo, o que leu mais sobre filosofia, o que leu mais vezes o texto em questão, o professor, etc. Nesta perspectiva, a compreensão liga-se muito mais facilmente à ideia de verdade que a de uma leitura possível.

Diz Deleuze:

Tem uma coisa que me reconforta muito. Acho que há várias leituras de uma mesma coisa e acredito piamente que não é preciso ser filósofo para ler filosofia. A filosofia é suscetível, ou melhor, precisa de duas leituras ao mesmo tempo. É absolutamente necessário que haja uma leitura não-filosófica da filosofia, senão não haveria beleza na filosofia. Ou seja, não-especialistas lêem filosofia e a leitura não-filosófica da filosofia não carece de nada, possui sua suficiência. É simplesmente uma leitura. Isso talvez não valha para todos os filósofos. Vejo com dificuldade uma leitura não-filosófica de Kant, por exemplo. Mas um camponês pode ler Spinoza. Não me parece impossível que um comerciante leia Spinoza.





Deleuze nos leva a pensar mais aprofundadamente sobre a leitura, considerando o olhar daquele que lê. De que lugar ele lê? Em uma aula, dizemos nós, esse lugar já está dado. Há a leitura do professor e os demais devem fazer leituras que ao menos convirjam para a do seu propositor, o professor, posto que ocupam um determinado lugar: o de alunos.

Claro que há muitas aulas possíveis e também muitos lugares para os professores e para os alunos. Mas em geral quem fala é o professor e o aluno escuta. E não raro há alunos que “vocalizam” suas leituras, ideias e pensamentos, mas via de regra um possível diálogo ainda vem muito carregado da voz de verdade que chega do professor.

O que compreendemos de importante quando compreendemos o que um professor quer que entendamos? Como tal compreensão poderia nos aproximar de nossas próprias vidas?

Escutemos um pouco mais de Deleuze que continua o seu pensamento:

Nietzsche mais ainda. Todos os filósofos de que gosto são assim. Acredito que não haja necessidade de compreensão. É como se a compreensão fosse um nível de leitura. É como se você me dissesse que, para apreciar Gauguin ou um grande quadro, é preciso conhecê-lo profundamente. O conhecimento profundo é melhor, mas também há emoções extremamente autênticas, extremamente puras e violentas na ignorância total da pintura. É claro que alguém pode ficar abalado com um quadro e não saber nada a seu respeito. Podemos ficar muito emocionados com a música ou com uma certa obra musical sem saber uma palavra. Eu, por exemplo, fico emocionado com *LuluWozzeck*. Nem falo do *Concerto em memória de um anjo*, que acredito que seja o que mais me emociona no mundo. Sei que seria ainda melhor ter uma percepção competente, mas digo que tudo que é importante no campo mental é suscetível a uma dupla leitura, desde que não façamos essa dupla leitura casualmente enquanto autodidatas. É algo que fazemos a partir de problemas vindos de outro lugar. É como filósofo que tenho uma percepção não-musical da música, que talvez seja para mim extraordinariamente comovente. Da mesma forma, é como músico, pintor etc. que alguém pode ter uma leitura não-filosófica da filosofia. Não ter essa segunda leitura, que não é exatamente a segunda, não ter duas leituras simultâneas... São como as duas asas de um pássaro, não é muito bom não ter as duas leituras simultâneas. Até um filósofo tem de aprender a ler um grande filósofo não-filosoficamente.

Ouvir ecos de nossas próprias vozes, como professores, é perder a oportunidade de entrar em contato com outras leituras e de eventualmente mudar a nossa, sob um ou mais aspectos. E é curioso imaginarmos a dificuldade de vôo de um pássaro que tenha que voar com apenas uma asa... Ficar apenas com a nossa própria voz é permitir tão somente um nível de leitura e impedir que outras vozes se levantem abrindo-nos aos tantos sentidos que uma leitura pode ter verdadeira e autenticamente para cada um que a lê e a comunica com sua própria voz. É



perder a oportunidade de problematizarmos o que sabemos colocando-nos na esteira de nossa não-saber. E não é isso a filosofia?

Dialogando com as outras leituras

“Portanto, falo do que não sei, mas falo do que não sei em função do que sei.”, disse Deleuze. E Daniella gostou. Gostou e complementou: “Em busca do equilíbrio, que resulta da experiência, entre o saber e o não-saber.”

Eduarda também gostou e incluiu a questão da leitura não-filosófica: “Ler não filosoficamente. Só a partir do que sei ... o que não sei.” É possível falar do que não se sabe e isto ainda é pensamento, pois falamos a partir do que sabemos. Posso então saber de outras áreas pelo que meu olhar filosófico alcança. E ela entendeu que às vezes é preciso aprender a falar de um assunto de diversas formas.

Já Nilton interessou-se pelo nascimento das ideias. Ele diz que há um movimento dialético, que coloca em relação um objeto material que produz conhecimento e o fluxo intenso das ideias. É assim que um objeto toma forma e as ideias ganham clareza.

A Lígia descobriu, com alegria, que a relação entre o compreendido e o não compreendido permite esse encontro produtivo entre o filosófico, o estético e o científico. E o pássaro voa, descobrindo novos lugares para voar.

Cesira disse (e eu ouvi): “Sim, há alguma coisa aqui”. “Aqui / Em mim / Há muito mais que aqui/ Há o lá/ E o além.” E o seu desenho nos diz destas presenças.

Lara escreveu: “- A dualidade de pensamento do ser”; “- A expansão do campo de visão se remete a junção de ideias opostas”; “O pensamento modifica a nossa visão de mundo, bem como dos que convivem ao nosso redor. Assim como as pontes ligam cidades, nossos pensamentos nos ligam as pessoas e ao universo que nos rodeia. São pontes que nos levam da normalidade para o descobrimento de novos mundos.” E não era essa a ligação que estávamos vivendo nesta experiência? E mostrando o seu desenho diz que é a junção da dúvida com o que já sabemos que é possível produzir o novo.





Alessandra desenhou correntes. Há algo que continua e há algo que quebra. É possível falar sobre o que não se sabe. E ela falou o que quis. Pensou nas situações filosóficas. Lembrou que falava sobre isto outro dia. E concluiu: “Também...só isso a minha ideia.” A minha ideia, diz Alessandra, que pode falar sobre ela.

Depois veio Ana Paula e escreveu: Pensamento. Cérebro. Construção de algo -> compreender parte de algo. O DNA e suas voltas. “Falo do que sei em função do que não sei.” Em sua fala mostra o movimento do seu pensamento para encontrar uma figura geométrica que fosse capaz de representá-lo: “Aí então eu fiquei pensando em uma figura geométrica que compreendesse a ideia do meu pensamento, e meu cérebro querendo compreender algo profundo, estarem nessa dúvida no instante de trabalharem essa compreensão de algo e que forma geométrica poderia ser essa. A princípio eu tinha pensado no triângulo, mas eu entendi que os vértices talvez seriam uma ideia de linear. E depois pensando a ideia que eu fiz de cérebro eu cheguei à conclusão do profundo e o volume de um círculo, de repente. Mas assim o que seria esse volume aqui dentro, eu deixei um símbolo de interrogação, que é essa compreensão do profundo. Eu acho que todo mundo falou. (...). De isso ser um círculo e ao mesmo tempo estar em um processo constante... porque com o triângulo eu tinha pensado nisso, de ter uma interpretação de ter um ponto onde se encontram, e não.” E seu comentário posterior : “O que pensei: a construção de um conhecimento gera um pensamento (que passa pelo meu cérebro) num movimento circular capaz de gerar dúvidas que me possibilitam falar de algo que ainda não sei. A linha de luz (nossas ideias e pensamentos!), não sendo linear, forma a figura de um círculo.” A retomada do pensamento de Ana Paula foi praticamente integral porque exemplifica bem o exercício que nos propusemos a fazer, É preciso aprofundar e sair do lugar comum para acharmos uma representação do que estamos pensando para que depois, somente depois, a palavra possa voltar. E ela volta diferente, modificada. Ela passeou em cada um de nós, tornou-se visceral em nós, mesclou-se com a nossa história, tornou-se parte de nós porque se ligou à nossa própria vida.

Mari (Mariana) descreve seu desenho: “É um homem e dentro da cabeça dele tem um universo. Então ao mesmo tempo em que ele se situa no universo a cabeça dele é um universo.





Da mesma forma que a gente não conhece o universo a gente não conhece o nosso universo. E o olhar dele, ele sempre vai de acordo com um.., aqui no caso foi um planeta que influenciou um olhar dele. Então a cada momento a gente tem um ângulo de visão para alguma coisa e também não só nós mesmos a cada dia, mas existem também as especialidades, os filósofos, cientistas, as diferentes lentes, como se fossem diferentes lentes para você enxergar o universo. Então são várias lentes. E aqui na verdade era um poeminha, um versinho, que eu já havia feito há algum tempo atrás e eu lembrei dele. Eu vou ler. ‘Tanto se fala de muito/ Pouco se fixa de tudo/ A maior parte de tudo/ parece se esvaír/ na atmosfera do outro.’” Há algo nela que permanece. Há algo dela que chega ao outro. Há um encontro de mundos que se mesclam ao mundo de cada um de nós. É a vida dela chegando a nossa e a nossa chegando na dela.

E Heula não compareceu à reunião, mas sua voz chegou até nós. Há páginas já lidas e outras ainda por ler. E chega a pensar “quanto mais conhecimento encontrado, mais vazios achamos em nós. (...) Damos conta do espaço, que vai dilatando a cada saber. Por isso o vazio!”

O fazer filosófico instaura uma dimensão educativa e a Educação instaura uma dimensão filosófica. Porém, às vezes deixamos que o campo pedagógico tome uma presença exagerada nas aulas de filosofia, demarcando com rigidez esses lugares já conhecidos da relação professor e aluno. Aprendamos um pouco com Larrosa quando afirma:

Mas creio que para além ou para aquém de saberes disciplinados, de métodos disciplináveis, de recomendações úteis ou de respostas seguras; para além mesmo de idéias apropriadas e apropriáveis, talvez seja a hora de tentar trabalhar no campo pedagógico pensando e escrevendo de uma forma que se pretende indisciplinada, insegura e imprópria. O discurso pedagógico dominante, dividido entre a arrogância dos cientistas e boa consciência dos moralistas, está nos parecendo impronunciável. As palavras comuns começam a nos parecer sem qualquer sabor ou a nos soar irremediavelmente falsas e vazias. E, cada vez mais, temos a sensação de que temos que aprender de novo a pensar e a escrever, ainda que para isso tenhamos que nos separar da segurança dos saberes, dos métodos e das linguagens que já possuímos (e que nos possuem”. (LARROSA, 2003, p. 7).



Não só pensar e escrever de outras maneiras, mas também falar, diríamos nós. E para falar é preciso escutar. E que privilégio conhecer escutar a voz do outro e seu pensamento! Daí o exercício com o desenho: para nós tem sido uma possibilidade de termos entre nós outra escuta e outra fala conosco e com os outros, porque cada um faz da filosofia e do filosofar um caminho próprio para ler e escrever o seu próprio mundo, para ler e escrever o mundo de seu próprio jeito, trazendo filosofia à própria vida e vida à filosofia. Isso, por sua vez e curiosamente, somente se torna possível por uma espécie de abandono de nós mesmos na experiência da leitura para que possamos chegar diferentemente até nós.

O filosofar exige a expressão do pensamento, seja para nós mesmos, seja para o outro, e essa experiência nos lança em direção a nós mesmos e em direção ao outro que está junto de nós nessa leitura do texto, da filosofia, da vida. Esse fazer filosófico implica uma escuta e uma leitura de mundo visceral e também autoral e é o exercício da escuta e da leitura que nos permite falar e escrever nosso mundo, a nossa vida, vivificando novas escutas e leituras do que somos todos nós.

Referências

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista com G. Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min.

KOHAN, Walter Omar. *Infância. Entre Educação e Filosofia*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2003.

LARROSA, Jorge. Apresentação. In: *Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2003. p. 7-18.

